

COLEÇÃO:
CLÁSSICOS ROMANOS

SÉRIE:
BUCÓLICAS DE VIRGÍLIO!

EDIÇÃO BILÍNGUE:
V BUCÓLICA DE VIRGÍLIO



MARCIO LUIZ MOITINHA RIBEIRO
(ORG.)

 Pedro + João
EDITORES

V BUCÓLICA DE VIRGÍLIO
EDIÇÃO BILÍNGUE

ORGANIZADORES DA OBRA PUBLICADA:

Prof. Dr Amós Coêlho da Silva (UERJ/ABRAFIL)
Prof. Dra. Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)
Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio (UERJ/ABRAFIL)
Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho (USP)
Prof. Dr. José Mario Botelho (FFP-UERJ)
Prof. Dr. Leonardo Ferreira Kaltner (ABRAFIL/ UFF)
Prof. Dra. Marcia Regina de Faria da Silva (UERJ/ABRAFIL)
Prof. Dr. Marcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ/ABRAFIL/FFP-UERJ)
Prof. Dr. Pedro Ivo Zaccur Leal (UERJ)
Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari (UNICAMP)

TRADUTORES:

Amós Coêlho da Silva
Daniel Andrade Alves
Fernanda Vieira da Rocha Silveira
Francisco de Assis Florêncio
Ivan Miranda Frias
José Mario Botelho
José Rodrigues Seabra Filho
Julio Cesar Luna de Souza
Leonardo Ferreira Kaltner
Marcia Regina de Faria da Silva
Márcio Luiz Moitinha Ribeiro
Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi
Marcos Roberto Rocha de Carvalho
Melyssa Cardozo Silva dos Santos
Paulo Fernando Moreira Pinheiro
Pedro Ivo Zaccur Leal
Pedro Paulo A. Funari
Ronald Abrahão Ribeiro
Tobias Vilhena de Moraes
Walter Pavam Castelo Branco Junior

V BUCÓLICA DE VIRGÍLIO
(EDIÇÃO BILÍNGUE)

Edição revista e atualizada pelos professores:
Fernanda Vieira da Rocha Silveira
Francisco Florêncio de Assis
Frei Marcos Roberto Rocha de Carvalho

Marcio Luiz Moitinha Ribeiro
(Organizador)

V BUCÓLICA DE VIRGÍLIO
EDIÇÃO BILÍNGUE

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Amós Coêlho da Silva, Carlinda Fragale Pate Nuñez, Fernanda Vieira da Rocha Silveira, Francisco de Assis Florêncio, Ivan Miranda Frias, José Rodrigues Seabra Filho, José Mario Botelho, Julio Cesar Luna de Souza, Leonardo Ferreira Kaltner, Marcia Regina de Faria da Silva, Márcio Luiz Moitinha Ribeiro, Pedro Ivo Zaccur Leal, Pedro Paulo A. Funari. [Orgs.]

V Bucólica de Virgílio. Edição Bilíngue. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 50p. 32 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1559- [Impresso]

978-65-265-1560-0 [Digital]

1. Mopso. 2. Menalcas. 3. V Bucólica. 4. Pastores. I. Título.

CDD – 410/370

Capa: Bárbara Gouvêa da Rocha (BR Designer) – graficabrartes@gmail.com

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Bárbara Gouvêa da Rocha (BR Designer) – graficabrartes@gmail.com

Tradução: Amós Coêlho da Silva, Daniel Andrade Alves, Fernanda Vieira da Rocha Silveira, Francisco de Assis Florêncio, Ivan Miranda Frias, José Mario Botelho, José Rodrigues Seabra Filho, Julio Cesar Luna de Souza, Leonardo Ferreira Kaltner, Marcia Regina de Faria da Silva, Márcio Luiz Moitinha Ribeiro, Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi, Melyssa Cardozo Silva dos Santos, Paulo Fernando Moreira Pinheiro, Pedro Ivo Zaccur Leal, Pedro Paulo A. Funari, Ronald Abrahão Ribeiro, Tobias Vilhena de Moraes, Walter Pavam Castelo Branco Junior.

Revisão: Fernanda Vieira da Rocha Silveira, Francisco Florêncio de Assis e Frei Marcos Roberto Rocha de Carvalho.

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

DEDICATÓRIA

A JUNITO DE SOUSA BRANDÃO

Ilustre e saudoso docente e amigo da UERJ, que nos ensinou e nos motivou, não só a amar a literatura latina e gregas, mas também, o cativante estudo da MITOLOGIA.

Marcio Luiz Moitinha Ribeiro



SUMÁRIO

1. PREFÁCIO da Prof ^a . Dr ^a . Marcia Regina de Faria (UERJ)	11
2. APRESENTAÇÃO do Prof. Dr. José Mário Botelho (UERJ)	13
3. BUCÓLICA V	15
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
5. SOBRE OS AUTORES	41

PREFÁCIO

Dáfnis: o bucolismo em sua fonte ancestral

Márcia Regina de Faria

(Prof^ª. Titular da Cadeira de Língua e de Literatura Latinas da UERJ)
Academia Brasileira de Filologia (Abrafil/ UERJ)

Ao lermos a *Bucólica V*, podemos observar o cenário campestre tão caro a Virgílio, poeta que se consagrou com a *Eneida*, mas que percorreu um longo caminho e não só mudou seu fazer poético, desde o seu nascimento em 15 de outubro de 70 a.C., como também viu cambiar, até sua morte em setembro de 19 a.C., todo Império e, especialmente, sua terra natal, Mântua, que pode ser evocada na V Écloga, embora apareça cercada de uma aura siciliana, já que o poema faz uma exaltação a Dáfnis, filho do deus mensageiro Hermes com uma ninfa da Sicília, lamentando sua morte precoce e reverenciando sua apoteose.

O poema nos traz o canto de dois pastores, Mopso e Menalcas. Este último estava presente na *Bucólica III*, na qual promove uma disputa poética, os cantos amebus, com outro pastor, Dametas. Aqui temos, em um canto alternado que expressa muito menos uma disputa, em versos breves, e mais uma celebração a Dáfnis, fazendo uma retomada da conclusão do primeiro idílio de Teócrito.

O poeta mantuano apresenta Dáfnis como símbolo da poesia bucólica com um certo teor amoroso. A morte do semideus está vinculada ao seu relacionamento com a ninfa Nômnia, cujo nome significa “pastora”. O herói-pastor prometera sempre lhe ser fiel, mas fora enganado pela filha do rei da Sicília que aproveitou sua embriaguez. Nômnia fez com que Dáfnis se tornasse cego. A partir desse momento, ele passou a entoar canções tristes, até sua morte caindo de um precipício, para, posteriormente, ser levado ao céu por seu pai Hermes. No poema virgiliano, Dáfnis, transformado com sua apoteose em

deus dos pastores e, conseqüentemente, da própria poesia pastoril, representa a natureza agreste, mas que ao mesmo tempo traz a paz e a serenidade.

A atmosfera elogiosa do poema não se restringe a Dáfnis. Os pastores Mopso e Menalcas fazem uma série de elogios mútuos, culminando com uma troca de presentes, Menalcas dá a Mopso uma flauta e recebe deste um cajado, símbolos bucólicos por excelência e que representariam a vida campestre de Dáfnis.

Sabemos que as *Bucólicas* ou *Éclogas*, que significam poemas escolhidos, foram escritas de 42 a 39 ou 38 a.C. Embora o poema dedicado a Dáfnis seja o quinto em ordenamento, possivelmente está entre os primeiros a serem escritos, o que faz com que os biógrafos de Virgílio, promovam uma conexão entre a apoteose de Dáfnis e a divinização de Júlio César, assassinado em 44 a.C., mas oficialmente deificado no Senado romano em 42 a.C., momento em que as *Bucólicas* já estavam sendo compostas.

Independente de sua correlação ou não com a história, a V écloga nos traz um motivo mítico para inspirar a serenidade e a beleza idílica dos campos, sejam eles da Sicília ou de Mântua, tão diferentes, mas tão profundamente representativos da paz bucólica que o epicurismo fazia florescer no jovem e já brilhante poeta Virgílio.

Aproveitem para apreciar essa obra prima em seu original latino e em sua tradução!

APRESENTAÇÃO

A metalinguagem: Uma das facetas de Virgílio

José Mario Botelho (Prof. Titular da Cadeira de Língua Portuguesa da FFP-UERJ)
(Presidente do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos/ Cifefil)

Pode-se dizer, com muita propriedade, que as *Bucólicas* (ou *Éclogas*) constituem uma das principais fontes literárias, que oferece informações essenciais para reflexões sobre diferentes assuntos do medievo, tais como política, filosofia, economia, linguagem, modo de vida do mundo rural e relações do homem com a natureza que o envolve. De fato, Virgílio lança mão desse aspecto fundamental da obra literária, que, não tendo a obrigação de retratar a realidade como o fazem os tratados científicos dos historiadores, apresenta aos seus leitores um reflexo dessa realidade de forma graciosa e cheia de lirismo e de sentimento, sem perder o tom de verossimilhança. Esse é o estilo de Virgílio ao tematizar aspectos por vezes restritos e muito comumente esperados nos textos não literários. Aliás, a nostalgia era um elemento comum nessa obra de Virgílio, que tematiza o amor à natureza e à beleza singela do campo e dos animais.

A capacidade poética desse autor latino do primeiro século antes da nossa era, por exemplo na I *Écloga*, praticamente desenha a trajetória de dois pastores (Títiro e Melibeu) em seu mister no uso da terra e em suas expressões de sentimento. Através da pena desse magnífico poeta, tomamos conhecimento dos acontecimentos da época do pastor Melibeu, que é uma das vozes do poeta para retratar o que ele próprio viveu. Melibeu é um pastor exilado de sua terra natal, que lamenta a perda de sua humilde, porém agradável, vida pastoril. Títiro, o pastor apaixonado por Amarílde e Galateia, embora fosse homem livre, a paixão o tornava prisioneiro e ocioso. Títiro e Melibeu seriam a representação do próprio Virgílio, que também fora retirado

de sua terra natal num primeiro momento pelo Imperador Augusto, que lhe permite ficar em suas terras mais tarde.

Essa tranquilidade do campo e a vida singela dos pastores no cultivo da terra, que contrastavam com as lutas políticas do Senado e a exploração dos senhores poderosos, também eram tematizados por Virgílio, como se pode observar na IV *écloga*.

Nessa V *Bucólica*, no entanto, Virgílio se mostra metalinguístico ao refletir sobre a arte poética com as vozes de dois pastores: Menalcas e Mopso. Dá-se o encontro, em uma gruta, de Menalcas e Mopso, que dialogam, trocando elogios sobre a arte poética. O tema central é a morte de Dáfnis, um semideus dos pastores e amado das ninfas, que é cantado primeiramente por Menalcas e, em seguida, por Mopso, e a comoção da natureza. Nesta *Écloga*, o canto amebou, em vez de seguirem um ao outro em pequenas séries de dois ou três versos, consiste em intervenções sucessivas de versos de diferentes medidas e extensões. Não há uma disputa entre os pastores, mas sim, uma troca de amabilidades, mormente porque Menalcas é poeta e Mopso, músico. Na verdade, o que sugere a narrativa dessa V *Écloga* é que Menalcas se propõe ensinar a Mopso os cantos das *Éclogas* II e III. Apesar de Dáfnis pertencer à mitologia e folclore da Sicília, a ambiência não é propriamente siciliana, porquanto a paisagem, a flora e a fauna nos remetem à Mântua, terra natal de Virgílio. Pensa-se que o nome de Dáfnis se refere a alguma outra personalidade da época, como o ditador Júlio César, assassinado em 44 (*crudeli funere* – v. 20), a quem também os tradutores fazem alusão em nota de rodapé (p. 239). No entanto, existem muitas hipóteses que acreditam que Dáfnis pode ser um suposto irmão de Virgílio. No final da *écloga*, depois de exaltarem suas qualidades poéticas mutuamente, os dois pastores trocam presentes. De qualquer forma, o conjunto da *écloga* é camponesa.

Em suma, as *Bucólicas*, que têm sido classificadas como um poema *humilis* (Menor) de Virgílio, pode ser vista como uma alegoria da própria trajetória do poeta, que se utiliza das vozes dos pastores para mostrar aos seus leitores a sua história em si.

A leitura desse texto chega ao leitor de nossa época de forma prazerosa e fluidica, em virtude dessa excelente tradução, que une o rigor de uma tradução literal e a beleza da tradução literária com suas figuras de linguagem (sinestesia, hipérbole, símile e outras tantas metáforas) e interpretação de passagens, cuja versão ao pé da língua tornaria o texto duro de se ler. Nessa V *Bucólica*, as informações sobre a natureza campestre e o trabalho pastoral e sobre os sentimentos de Menalcas e Mopso são dadas de forma clara e agradável nessa tradução organizada pelo Prof. Dr. Márcio Luiz Moitinha Ribeiro. Só me resta agradecer a essa Equipe de Tradutores pela oportunidade de elaborar esta Apresentação, parabenizá-los pelo ótimo trabalho e desejar que os eventuais leitores também se deleitem com essa tradução.



Bucólicas de Virgílio



BVCOLICA V

MENALCAS

*Cur non, Mopse, boni quoniam conuenimus ambo
tu calamos inflare leuis, ego dicere uersus,
hic corylis mixtas inter conседimus ulmos?*

MOPSUS

*Tu maior; tibi me est aequom parere, Menalca,
siue sub incertas Zephyris motantibus umbras,
siue antro potius succedimus. Aspice ut antrum
siluestris raris sparsit labrusca racemis.*

5



BUCÓLICA V

MENALCAS

Mopso, visto que nos reunimos, ambos hábeis¹,
tu em soprar nos leves cálamos, eu em dizer os versos,
por que não nos assentamos aqui juntos entre os olmeiros misturados às aveleiras?

MOPSO

Tu (és) maior², é justo que eu te obedeça, Menalcas,
ou³ sob os Zéfiro que agitam fortemente as incertas sombras, 5
ou antes, no antro, nos aproximamos. Vê como a videira silvestre
tem-se espalhado pelo antro com cachos escassos⁴,

MENALCAS

Montibus in nostris solus tibi certat Amyntas.

MOPSUS

Quid, si idem certet Phoebum superare canendo?

MENALCAS

*Incipe, Mopse, prior, si quos aut Phyllidis ignis
aut Alconis habes laudes aut iurgia Codri;
incipe; pascentis seruabit Tityrus haedos.*

10



MENALCAS

Em nossas montanhas, só Amintas te rivaliza.

MOPSO

Que (admirável)⁵, se (Amintas) rivalizasse o mesmo Febo, (faria tudo) para
[superá-(lo) cantando?

MENALCAS⁶

Começa tu, Mopso, primeiro, se tens alguns amores⁷ de Fílida 10
ou as laudes de Alcão ou os combates de Codro;
começa tu ; Títiro vigiará os cabritos que pastam.

5 *Quid (mirum)* = que (coisa admirável), há uma elipse do adjetivo. A fala de Mopso se inicia com certa ironia, visto que o pastor afirma que Amintas é insolente, acha-se melhor do que os outros ao ponto de poder superar até um Deus, no canto, como Apolo.

6 Menalcas sugere temas para Mopso ou cantar os amores de Filide, notem a sinestesia, criada pelo poeta: “alguns fogos” da amada ou, se preferir, o poeta mais jovem pode fazer elogios às ações benévolas na pessoa de Alcão ou focar nas disputas de Codro, rei de Atenas, que se deixou matar para cumprir o vaticínio do oráculo e assim obter a vitória do povo. Toda essa movimentação de imagens e ações são corroboradas e enfatizadas pela repetição do verbo, no imperativo, *incipi* com o uso do polissíndeto, representado pela conjunção *aut*.

7 No décimo verso, podemos traduzir literalmente por “alguns fogos” de Fílida, o poeta faz uso da sinestesia para mostrar como a relação deve ser de veras quente e apaixonante. Menalcas oferece três temas para o jovem Mopso discorrer: sobre o amor, sobre os elogios ou sobre os combates, no entanto, o jovem pastor prefere tematizar acerca de seus poemas de forma mais holística e afirma que consegue escrevê-los, na verde casca de uma faia, criando desta maneira uma hipérbole, nos subsequentes versos. Como escrever carnes, numa árvore?

MOPSUS

*Immo haec in uiridi nuper quae cortice fagi
carmina descripsi et modulans alterna notavi,
experiar: tu deinde iubeto certet Amynta.*

15

MENALCAS

*Lenta salix quantum pallenti cedit oliuae,
puniceis humilis quantum saliuunca rosetis,
iudicio nostro tantum tibi cedit Amyntas.
sed tu desine plura, puer; successimus antro.*

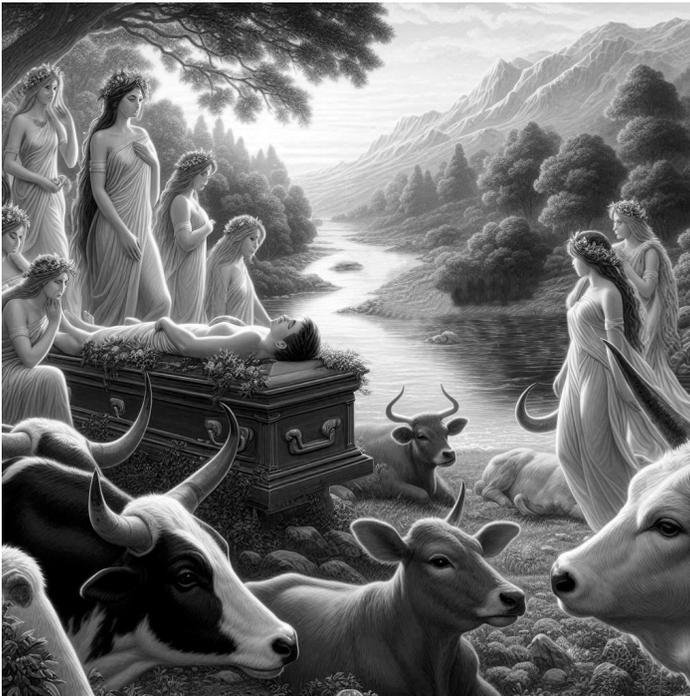
MOPSUS

*Exstinctum Nymphae crudeli funere Daphnim
flebant (uos coryli testes et flumina Nymphis),
cum complexa sui corpus miserabile nati
atque deos atque astra uocat crudelia mater.*

20

*Non ulli pastos illis egere diebus
frigida, Daphni, boues ad flumina: nulla neque amnem
libauit quadrupes, nec graminis attigit herbam.*

25



MOPSO

Não, pelo contrário⁸, a estes carmes que ainda há pouco gravei⁹ na verde casca de uma faixa experimentarei e, modulando,¹⁰ a (versos) alternados anotei.
Manda tu depois que Amintas rivalize (comigo). 15

MENALCAS

A nosso julgamento¹¹, tanto Amintas cede lugar a ti,
quanto o flexível salgueiro cede lugar à oliveira palente¹²,
quanto o humilde nardo cede lugar às roseiras cor-de-púrpura,
mas, deixa tu as demais (coisas), rapaz; chegamos ao antro¹³.

MOPSO

As Ninfas choravam Dáfnis, extinto por uma cruel morte¹⁴ 20
(vós, ó aveleiras¹⁵ e rios, < sois > testemunhas às Ninfas),
quando a mãe, tendo abraçado o corpo miserando do seu filho querido,
invoca os deuses e os astros cruéis¹⁶.
Naqueles dias, ó Dáfnis, ninguém tocou os apascentados
bois até aos frígidos¹⁷ rios, nem nenhum 25
quadrúpede bebeu água do rio, nem tocou erva do Prado.

8 *Immo* = (“não, pelo contrário”). Advérbio utilizado para dar uma resposta negativa a uma pergunta formulada ou uma resposta contrária a que se esperava, como se o jovem pastor dissesse “não vou tratar dos temas que você me sinalizou, mas do tema que eu desejo engendrar”.

9 Alguns pastores tinham o costume de escrever, nas árvores, os seus versos para as suas amadas pastoras.

10 Isto é, cantando, lendo ou dizendo com modulação. Modulando, no vernáculo, também pode significar variar a altura ou a intensidade da voz. O verso 14 sinaliza uma alusão ao costume dos pastores de preencher o intervalo de cada verso com compassos modulados na flauta. Literalmente, o poeta nos leva a entender que Mopso escreveu versos na casca de uma faixa e depois foi modulando e escrevendo os versos, alternadamente. Mopsus escreveu as diversas estrofes de seu poema e, após cada parte, parava para tocar, em sua flauta, uma melodia adequada ao tema em questão.

11 Dativo de ponto de vista ou de opinião. Para Menalcas, uma coisa se sobressai a outra, por meio do paralelismo sintático verbal *cedet*, o pastor faz comparações a fim de mostrar que Mopso é melhor do que Amintas assim como o salgueiro flexível se destaca menos do que a oliveira, de modo que podemos atestar encômios, nas palavras do pastor mais velho.

12 Isto é, de cor amarelada.

13 Encontra-se, nesta passagem, um dativo de direção.

14 A expressão *crudeli funere*, para muitos comentadores, é uma alusão ao assassinio de Júlio César.

15 Uso da personificação, muito comum, nas literaturas posteriores, medieval e contemporânea, nas quais os elementos da natureza tornavam-se testemunhas das mágoas dos pastores.

16 Exemplo de hipálage, visto que cruéis não são os astros, mas os próprios deuses que permitiram a morte de Dáfnis, tão digna de compaixão.

17 Os frígidos rios são comparados à morte, à temperatura fúnebre de Dáfnis. Vale destacar também a sonoridade dos vocábulos que foi bem selecionada para representar a temperatura na qual se encontram os frígidos rios. Observar os fonemas iniciais latinos /fr/ e /fl/.

A água é o símbolo da vida, como houve morte, assassinio, os animais se negam a beber e a comer as ervas dos pastos como forma de luto e de tristeza por tal fúnebre fim de vida.

*Daphni, tuom poenos etiam ingemuisse leones
interitum montesque feri siluaeque loquontur.
Daphnis et Armenias curru subiungere tigris
instituit; Daphnis thiasos inducere Bacchi,
et foliis lentas intexere mollibus hastas.
Vitis ut arboribus decori est, ut uitibus uuae,
ut gregibus tauri, segetes ut pinguibus aruis,
tu decus omne tuis. Postquam te fata tulerunt,
ipsa Pales agros atque ipse reliquit Apollo.*

30

35



Ó Dáfnis, os montes selvagens e as selvas¹⁸ dizem
(que) os leões púnicos também choraram a tua morte.

Dáfnis também (nos) ensinou a submeter ao jugo no carro os tigres armênios;
Dáfnis (nos instruiu) a conduzir as danças¹⁹ de Baco 30
e a entrelaçar os tirsos flexíveis com folhas macias.

Como as árvores têm²⁰ como ornamento a videira, como as videiras têm uvas,
como os rebanhos têm touros, como os férteis campos têm searas,
tu (és) todo ornamento para os teus. Depois que os fados te levaram,
a própria Palas e o próprio Apolo deixaram²¹ os campos. 35

18 Vale destacar que é notória a gradação que Virgílio faz dos elementos da natureza que sentem muito a morte de Dáfnis: iniciando-se pelas ninfas, pelos deuses, pelos pastores, pelos animais, pelos montes, pelas selvas, pelas feras e, por fim, pelos pastores que foram ensinados por Dáfnis a submeter ao jugo os tigres, a conduzir as danças de Baco e a entrelaçar os tirsos flexíveis com folhas macias.

19 *Thiasus*, -i= dança em honra de Baco também denominado tíaso.

20 Virgílio se vale do dativo de posse. (Tradução literal= “como a videira existe para as árvores como ornamento) com o escopo de fazer comparações com os elementos da natureza a fim de apontar a relevância da existência de Dáfnis para os pastores e para o culto a Baco, na natureza e entre eles.

21 Em latim, houve a concordância por atração, pelo sujeito mais próximo.

*Grandia saepe quibus mandauimus hordea sulcis,
infelix lolium et steriles nascuntur auenae;
pro molli uiola, pro purpureo narcisso
carduus et spinis surgit paliurus acutis.
Spargite humum foliis, inducite fontibus umbras,
pastores (mandat fieri sibi talia Daphnis),
et tumulum facite, et tumulo superaddite carmen:
Daphnis ego in siluis hinc usque ad sidera notus
formosi pecoris custos formosior ipse.*

40



MENALCAS

Tale tuom carmen nobis, diuine poeta, 45
quale sopor fessis in gramine, quale per aestum
dulcis aquae saliente sitim restinguere riuo.
Nec calamis solum aequiperas, sed uoce magistrum;
fortunate puer, tu nunc eris alter ab illo.
Nos tamen haec quocumque modo tibi nostra uicissim 50
dicemus, Daphnimque tuom tollemus ad astra;
Daphnim ad astra feremus: amaui nos quoque Daphnis.



MENALCAS

Tal o teu carme é para nós, ó divino poeta, 45
como o sono para as cansadas (pessoas) na grama
como, no calor, matar a sede num rio saltitante de doce água.
Não só nas flautas²⁴, mas também na voz²⁵, tu te equiparas ao pastor²⁶;
ó afortunado jovem, tu agora serás o segundo²⁷ depois dele²⁸.
Por nossa vez, contudo, nós cantaremos a ti estes nossos (carmes), de
[qualquer maneira²⁹ 50
e elevaremos o teu Dáfnis até aos astros;
levaremos Dáfnis até aos astros: amou-nos também Dáfnis.

24 *Calamis* (“nos cálamos”). Preferimos traduzir pela sinédoque: “nas flautas”, nota-se como Mopso é perito no tocar as flautas.

25 *Voce* (“na voz”, também pode ser traduzido por “no canto”).

26 *Magistrum* . além de “professor”, de “mestre”, dentro do contexto bucólico, pode ser “o pastor”, alusão feita a Dáfnis,

27 *Alter*, no dicionário, não é apenas “o outro”, mas também “segundo”, isto é, Mopso vai se tornar o segundo Dáfnis: tu agora serás o segundo depois dele, depois de Dáfnis.

28 *Ab illo* com sentido temporal “depois dele”.

29 Depois do encômio ao companheiro Mopso, Menalcas se vale da modéstia e da humildade de pastor, elaborando versos, segunde ele, com menor valor literário.

MOPSUS

*An quicquam nobis tali sit munere maius?
Et puer ipse fuit cantari dignus, et ista
iam pridem Stimichon laudauit carmina nobis.* 55

MENALCAS

*Candidus insuetum miratur limen Olympi
sub pedibus uidet nubes et sidera Daphnis.
Ergo alacris siluas et cetera rura uoluptas
Panaque pastoresque tenet Dryadasque puellas.
Nec lupus insidias pecori, nec retia ceruis 60
ulla dolum meditantur: amat bonus otia Daphnis.
Ipsi laetitia uoces ad sidera iactant
intonsi montes; ipsae iam carmina rupes,*



MOPSO

Acaso, existe para nós alguma coisa maior do que tal presente (dom)?

E o próprio jovem foi digno de ser cantado,
e já, há algum tempo, Estimicão³⁰ louvou-nos esses carmes. 55

MENALCAS

A soleira insueta³¹ do Olimpo é admirada (por Dáfnis),
O cândido³² Dáfnis vê as nuvens e as estrelas sob os (seus) pés.
Portanto, a álares³³ volúpia³⁴ tem selvas e outros campos
e Pã e pastores e meninas Dríades³⁵.

Nem o lobo cogita insídias ao rebanho, nem nenhuma rede 60
cogitam artil³⁶ aos cervos; o bom Dáfnis ama os ócios.

Lançam vozes até aos astros com alegria
os próprios intonsos³⁷ montes; as próprias rochas já lançam os carmes,

30 *Stimichon*, *Stimichonis*= nome de um pastor.

31 Isto é, insólita, que não se apresenta de maneira habitual, que não se está habituada. A soleira faz parte da morada, da entrada da Casa dos Deuses de modo que se configura um exemplo de sinédoque, engendrada pelo poeta Virgílio.

32 Vale comentar que o adjetivo *candidus* é geralmente usado em se tratando de divindade, em oposição a *niger*, comum aos mortos e ao inferno. O verso selecionado apresenta-nos muito bem a apoteose de Dáfnis aos céus!

33 Álares é sinônimo de viva, que está muito alegre, leda. Preferimos a tradução literal que chegou ao vernáculo.

34 O prazer sensitivo, cheio de entusiasmo, pode ser entendido pelo contexto através do excesso de prazer em geral.

35 Todos se regozijam pela presença de Dáfnis, no Olimpo. As Dríades são ninfas das florestas, dos bosques e das árvores, em geral.

36 Estratagemas que tem o propósito de enganar ou de iludir.

37 Intonsos se compreendem como “cobertos de matos”, que não foram cortados, aparados ou tosquiados. O poeta se vale da personificação dos montes que ecoam até aos astros a apoteose do herói. Notem que o verbo selecionado para tamanha alegria e gozo foi o verbo *iactare* que significa “atirar, muitas vezes, com força”, “lançar”. Verbo do campo semântico do prazer e da alegria sexual.

ipsa sonant arbusta: “Deus, deus ille, Menalca!”

*Sis bonus o felixque tuis! En quattuor aras:
ecce duas tibi, Daphni, duas altaria Phoebo.
Pocula bina nouo spumantia lacte quotannis,
craterasque duo statuam tibi pinguis oliui,
et multo in primis hilarans conuiuia Baccho,
ante focum, si frigus erit, si messis, in umbra,
uina nouom fundam calathis Ariusia nectar.
Cantabunt mihi Damoetas et Lyctius Aegon;*

65

70



os próprios arbustos soam: “Ó Deus, ó aquele Deus, ó Menalcas!
e sejas bom aos teus, ó feliz (Dáfnis)! Eis aqui quatro aras! 65
eis duas para ti, ó Dáfnis; dois altares mais altos para Febo .
Colocar-te-ei, anualmente, dois copos espumantes de leite fresco
e duas crateras de azeite gorduroso
e, principalmente,³⁸ alegrando os convívios³⁹ com muito vinho⁴⁰,
diante do fogo⁴¹, se estiver frio⁴²; à sombra, se (for) messe⁴³, 70
derramarei das taças⁴⁴ vinhos de Ariúsio, novo néctar.
Cantarão para mim Dametas e Egão de Licto⁴⁵;

38 *In primis*= expressão, traduz-se por “principalmente”, “sobretudo”.

39 Os banquetes.

40 Aqui não se refere propriamente a Baco, visto que se atesta uma metonímia: melhor tradução: o vinho.

41 Metáfora patente, neste verso 70: “diante da lareira (...)”. Preferimos a tradução literal.

42 Se for inverno;

43 Isto é, “se for tempo da ceifa”, no verão. Trigo ou cereal colhido ou em estado de se ceifar, na época da colheita.

44 Ablativo de matéria com ideia de origem.

45 Cidade da Ilha de Creta.

*saltantis Satyros imitabitur Alphisiboeus.
Haec tibi semper erunt, et cum sollemnia uota
reddemus Nymphis, et cum lustrabimus agros.*

75

*Dum iuga montis aper, fluiuos dum piscis amabit,
dumque thymo pascentur apes, dum rore cicadae,
semper honos nomenque tuom laudesque manebunt.
ut Baccho Cererique, tibi sic uota quotannis
agricolae facient: damnabis tu quoque uotis.*

80



Alfesibeu imitará os Sátiros saltantes⁴⁶.

Estas (coisas)⁴⁷ sempre existirão para ti, não só quando cumprimos os solenes votos
às Ninfas, mas também quando andarmos em volta dos campos⁴⁸. 75
Enquanto o javali amar o cimo de uma montanha, enquanto o peixe amar os rios,
e enquanto as abelhas forem alimentadas pelo tomilho, enquanto as
[cigarras, pelo orvalho,
sempre (o teu) culto⁴⁹ e o teu nome e os (teus) louvores permanecerão,
Como a Baco e a Ceres, assim anualmente
os agricultores farão a ti votos: tu também (os) obrigará(s) aos votos. 80

46 *Saltantis*= acusativo plural poético. São Sátiros que saltam e dançam.

47 No sentido de “estas honrarias”, “estes bens”.

48 Para purificar o lugar.

49 *Honos*, no verso 78, poderia ser traduzido por “honra”, mas dentro do contexto, trata-se de uma alusão à morte de Dáfnis, portanto se configura melhor, na tradução, “culto” ou “honras fúnebres”. Preferimos a primeira possibilidade.

MOPSUS

*Quae tibi, quae tali reddam pro carmine dona?
Nam neque me tantum uenientis sibilus Austri
nec percussa iuuant fluctu tam litora, nec quae
saxosas inter decurrunt flumina ualles.*

MENALCAS

*Hac te nos fragili donabimus ante cicuta: 85
haec nos “Formosum Corydon ardebat Alexim”,
haec eadem docuit “Cuium pecus? an Meliboei?”*

MOPSUS

*At tu sume pedum, quod, me cum saepe rogaret,
non tulit Antigenes (et erat tum dignus amari),
formosum paribus nodis atque aere, Menalca. 90*



MOPSO

Que presentes, que prêmios (eu) te entregarei em prol de tal carne?
De fato, nem o sibilo⁵⁰ do Austro que vem,
nem as praias tão atingidas pela vaga me agradam tanto, nem
os rios que decorrem⁵¹ por entre os vales pedregosos me agradam tanto⁵²,

MENALCAS

Antes, com esta flauta rústica, nós te presentaremos: 85
esta mesma nos ensinou (a cantar): “Coridão ardia pelo Formoso Aléxis”,
esta mesma nos ensinou: “De quem (é) o rebanho? Acaso de Melibeu?”

MOPSO

Mas, toma (tu) o cajado⁵³, como, muitas vezes, me rogasse que
não levou Antígines (e era então digno de ser amado),
formoso (cajado) com (seus) nós pares e com (seu) bronze, Menalcas. 90

50 Notem, caros leitores e amantes das Letras Clássicas, a aliteração e repetição do fonema /-s/ que podemos atestar, nos vocábulos, a seguir, presentes no verso 82, *uenientis sibilus Austri reiterando o assoviar do vento que vem*.

51 Em *decurrunt*, no verso 84, encontra-se o preverbo de com ideia de movimento de cima para baixo, significando “descer correndo”, “correr descendo” ou “precipitar-se”.

52 Necessário para a tradução visualizar o paralelismo sintático, nos versos, acima: *me tantum iuuant*: “me agradam tanto”!

53 Este cajado de pastor, que em latim pertence ao gênero neutro, tinha um gancho de ferro com que se seguravam os pés das ovelhas para serem tosquiadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, s/d.
- BRISSON, Jean-Paul. *Virgile son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- CARTAULT, A. *Étude sur les Bucoliques de Virgile*. Paris: 1897.
- DOUGLAS, D. *A Study in Epicurean Poetics: Virgil's Eclogue*. Montreal, McGill, thesis, 2017.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino - Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.
- FARIA, Ruth Junqueira de. *Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.
- GAGLIARDI, P. *The Metamorphosis of Daphnis from Theocritus to Virgil*, Phais, 2019, 21/22, 119-139.
- GAGLIARDII, P. *L'ἀδύνατον nelle Bucoliche vergiliane*. *Révue des Études Anciennes*, 121, 2019, 2, 391-412.
- HASEGAWA. A. P. *Écloga III. Comentário à tradução da Écloga III*, Paulo Sérgio.
- HUMPHREY C. (2000) *Bakhtin and the Study of Popular Culture: Re-thinking Carnival as a Historical and Analytical Concept*. In: Brandist C., Tihanov G. (eds) *Materializing Bakhtin*. St Antony's Series. PalgraveMacmillan, London. https://doi.org/10.1057/9780230501461_9
- LECLERCQ, R. *Les Principes de la Poétique Virgilienne*. *Revue des Études Latines*. Paris: Société d'Édition << Les Belles Lettres >>, 1994.
- LESKY, Albin. *História de la Literatura Griega*. Versión española de José Maria Diaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S.A.

LOUPIAC, Annie. *Le Labor chez Virgile: Essai d'interprétation*. Revue des Études Latines. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1993.

MAROUZEAU, Jules. *A Ordem das Palavras em Latim*. Tradução de José Mario Botelho. Editora Autografa. Rio de Janeiro, 2017.

MAROUZEAU, Jules. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1946.

MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Tome II. Paris: Scodell, 1981.

MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. 1ª. edição. Curitiba: IESDE Brasil. S. A., 2009. Vol. 1, 268 p.

MENDES, João Pedro. *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

PERRET, J. Virgile, *Les Bucoliques*. Édition, introduction et commentaire de Jacques Perret, 1961

RIBEIRO, Marcio Luiz Moitinha. *Gramática latina*. 2a. Ed. São Gonçalo: Márcio Moitinha Editora, 2017.

SOUZA, E.F.M. *A Bucólicas de Públio Virgílio Maro: tradução e estudo à luz de aparato etimológico e de simbologia da flora*. João Pessoa, Tese de Doutorado em Letras, UFPB, 2019.

TREVIZAM, M. *Modulações genérica em Virgílio*, *Rònai*, 8, 2, 2020, 46-61.

VASCONCELLOS, org., *Bucólicas (de Virgílio)*. São Paulo, Ateliê, 2008, 63-93.

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi par E. de Saint-Denis. Traduction d'Anne Videau. *Introduction, commentaire et annotations d'Hélène Casanova Robin*. Paris, Les Belles Lettres, 2014.

The top half of the page features a repeating pattern of dark green, serrated leaves scattered across a light gray background. The leaves vary in size and orientation, creating a sense of movement and texture.

Sucólicas de Virgílio

The bottom half of the page features a repeating pattern of dark green, serrated leaves scattered across a light gray background, identical to the top half. The leaves vary in size and orientation, creating a sense of movement and texture.

The background of the entire page is a light gray color with a pattern of dark gray, stylized leaves falling from the top. The leaves are scattered across the page, with some appearing larger and more detailed than others. The central text is set against a white horizontal band.

Sucólicas de Virgílio

ORGANIZADORES E EMPREENDEDORES DA OBRA PUBLICADA:

Amós Coêlho da Silva:

Especialista em Língua Latina, Amós Coêlho da Silva é uma figura de destaque na Academia Brasileira de Filologia, ocupando o cargo de Presidente. Sua pesquisa abrange diversas áreas das Letras, com foco em filologia, linguística e literatura, especialmente a antiga. Atua tanto na graduação quanto na pós-graduação, ministrando disciplinas como Teoria da Literatura e Literatura Comparada, com um olhar atento para a interlocução entre a Antiguidade Clássica e outras áreas do conhecimento.

Carlinda Fragale Pate Núñez:

Com uma extensa experiência na área de Teoria da Literatura, Carlinda Fragale Pate Núñez é professora titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sua pesquisa se concentra em Literatura Comparada, Teoria da Literatura e Recepção Clássica. Além de sua produção acadêmica, a professora possui vasta experiência em gestão acadêmica, tendo ocupado diversos cargos de coordenação em programas de pós-graduação.

José Mário Botelho:

Doutor em Letras Clássicas, José Mário Botelho é professor associado e membro da Academia Brasileira de Filologia. Sua pesquisa se concentra em Língua Portuguesa, com um olhar atento para questões como linguagem, linguística, letramento e oralidade. Além de sua atuação acadêmica, é diretor-presidente do Círculo Fluminense de estudos Filológicos e Linguísticos e coordenador do Grupo de Estudos sobre Linguagem Oral Culta de São Gonçalo.

Francisco de Assis Florêncio:

Especialista em Língua Latina, Francisco de Assis Florêncio possui experiência em latim renascentista e medieval. Atua como professor de língua portuguesa e professor adjunto, com foco em pesquisas na área de Letras Clássicas.

José Rodrigues Seabra Filho:

Com vasta experiência em Gramática Latina e tradução de textos clássicos, José Rodrigues Seabra Filho é professor associado da Universidade de São Paulo. Sua pesquisa se concentra na área de Letras Clássicas, com um olhar aprofundado para a gramática da língua latina.

Leonardo Ferreira Kaltner:

Doutor em Letras Clássicas e pós-doutor em Literatura Novilatina, Leonardo Ferreira Kaltner é professor associado da Universidade Federal Fluminense. Sua pesquisa abrange as áreas de Língua e Literatura Latinas, com um olhar atento para a historiografia da linguística brasileira. É líder do grupo de pesquisa Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional.

Márcia Regina de Faria da Silva:

Com uma vasta experiência na área de Língua e Literatura Latina, Márcia Regina de Faria da Silva é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sua pesquisa se concentra na Lírica Elegíaca Latina, e possui experiência em gestão acadêmica, tendo ocupado diversos cargos de coordenação.

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro:

Especialista em Línguas Clássicas, Márcio Luiz Moitinha Ribeiro possui uma vasta experiência em ensino e pesquisa, com foco em Língua Latina, Literatura Latina e Prática de Ensino. Sua pesquisa abrange a área de Letras Clássicas, com um olhar comparativo entre o latim e outras línguas.

Pedro Ivo Zaccur Leal:

Professor adjunto de Língua e Literatura Latina, Pedro Ivo Zaccur Leal possui mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e doutorado em Letras Clássicas. Sua pesquisa se concentra na área de Letras Clássicas.

Pedro Paulo Funari:

Professor de arqueologia histórica, Pedro Paulo Funari é reconhecido internacionalmente por suas pesquisas na área de arqueologia histórica. Seus trabalhos abordam temas como arqueologia do contato cultural, colonialismo e repressão.

FORMAÇÃO ACADÊMICA DO PROF. DR. MÁRCIO MOITINHA:

- Graduação e licenciatura em português-literaturas, na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), em 1992;
- Graduação e licenciatura em português-latim, na UERJ, em 1993, por aproveitamento de estudos (1º. lugar);
- Graduação e licenciatura em português-grego, na UERJ, em 1999, por aproveitamento de estudos (1º. lugar);
- Especialização em língua portuguesa, na UERJ, em 1994 (Aprovado na seleção);
- Especialização em língua e literatura latinas, na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), em 1995 e 1996 (Aprovado na seleção);
- Especialização em língua latina, na UERJ, com enfoque na tradução de textos medievais, renascentistas e cristãos, em 2011 (Colocação: 1º. lugar);
- Mestrado em Letras Clássicas, pela USP (Universidade de São Paulo), sob orientação da professora Titular de Língua e de Literatura Latinas, Zelia de Almeida Cardoso, de 2002 a 2006. Tema da dissertação: A poesia pastoril: As Bucólicas, de Virgílio (Colocação na prova de seleção: 1º. lugar);
- Doutorado em Letras Clássicas, titulado pela USP, sob orientação do docente doutor, livre-docente e gramático, José Rodrigues Seabra Filho, de 2007 a maio de 2011. Título da tese: Epigramas renascentistas de Henrique Caiado: Estudo e Tradução dos Livros I e II (Colocação na prova de seleção: 1º. lugar);
- Pós-Doutorado em Letras Clássicas, pela USP (Universidade de São Paulo), sob a coordenação do Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho. Título da Tese: Silvae de Henrique Caiado: Estudo e Tradução.

EXPERIÊNCIA ACADÊMICA NA ÁREA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DO PROF. DR. MÁRCIO MOITINHA:

- Professor de Latim e de Filologia Românica da UNIG (Universidade de Nova Iguaçu), de 03/09/2001 a 10/06/2005;
- 1º docente de latim eclesiástico e 2º, de grego koiné do Seminário São José de Niterói, de 11/03/2005 a 03/02/2010;
- Professor Auxiliar de Língua e Literatura Latinas, concursado pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Resultado final do Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro em 16/04/96 (Classificação: 1º. lugar);
- Professor Assistente de Língua e Literatura Latinas da UERJ, promoção em 2006;
- Professor Adjunto de Língua e Literatura Latinas da UERJ, promoção em maio de 2011;
- Professor Adjunto de Língua Latina da FFP, UERJ de São Gonçalo, aprovado em junho de 2015;
- Professor Adjunto, nível 04, de Língua e de Literatura Latinas da UERJ, promoção em 23 de novembro de 2021;
- Professor Associado de Língua e Literatura Latinas da UERJ, campus Maracanã, promovido, em maio de 2023;
- Professor Associado de Língua e Literatura Latinas da UERJ de São Gonçalo, (FFP/Faculdade de Formação de Professores), promovido, em maio de 2023;
- Parecerista ad hoc das Revistas Acadêmicas - Philologus (Cifefil), e Principia (do Departamento de Letras Clássicas da UERJ);
- Membro Efetivo da Cadeira n°. 24 da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL)

“SUPERPROF”

Considerado um super professor de língua latina, no site de aulas de línguas:

<https://www.superprof.com.br/>

2º da lista com 45 avaliações sobre o meu trabalho como latinista da UERJ.

- ▶ Whatsapp: (21) 9899-77763 para aulas particulares
- ▶ E-mail: marcioluizmoitinha@gmail.com



**PARA CONHECER MAIS O NOSSO SITE DE
LATIM, NA ÁREA DE ESTUDOS CLÁSSICOS,
E ADQUIRIR LIVROS, ACESSE:**



The image shows a screenshot of a website. At the top, there is a browser address bar with the URL <https://marciomoitinha.wixsite.com/website>. Below the address bar is a navigation menu with the text "CLÁSSICOS ROMANOS" and several links: "Início", "Blog", "Sites Parceiros", "Lançamentos", "Áreas Particulares", and a Facebook icon. The main content area features a large, stylized background image of a Roman statue (likely a deity or emperor) holding a staff, set against a red background with a golden dome structure above. The text overlaid on the image reads: "Bem-vindo ao site Clássicos Romanos Sugestões de livros de Clássicos Romanos, você encontra aqui! Site destinado à divulgação de livros, que são produtos de estudos das áreas de Língua Latina, Literatura Latina e Cultura Clássica ."

← → ↻ <https://marciomoitinha.wixsite.com/website> 🔍

CLÁSSICOS ROMANOS Início Blog Sites Parceiros Lançamentos Áreas Particulares f

Bem-vindo ao site
Clássicos Romanos

Sugestões de livros de Clássicos
Romanos,
você encontra aqui!

Site destinado à divulgação de livros, que
são produtos de estudos das áreas de Língua
Latina, Literatura Latina e Cultura Clássica .



Impresso na Gráfica Bueno Teixeira, em Valinhos/SP, em novembro de 2024, em papel pólen 80 gramas no miolo, e cartão 250 gramas na capa. Diagramado por BR Designer.

MENALCAS

Cur non, Mopse, boni quoniam
conuenimus ambo tu calamos inflare
leuis, ego dicere uersus, hic corylis
mixtas inter consedimus ulmos?

MENALCAS

Mopso, visto que nos reunimos, ambos hábeis, tu em
soprar nos leves cálamos, eu em dizer os versos,
por que não nos assentamos aqui juntos entre os
olmeiros misturados às aveleiras?

(Virg., Buc V, vs 1-3)



ISBN 978-65-265-1560-0



9 786526 515600 >